



EDUCAÇÃO E LITERATURA POR VEREDAS TRANSDISCIPLINARES

EDUCATION AND LITERATURE THROUGH TRANSDISCIPLINARY PATHS

EDUCACIÓN Y LITERATURA A TRAVÉS DE CAMINOS TRANSDISCIPLINARIOS

 **Márcia Fusaro**

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP);

Pós-Doutoramento em Artes (UNESP)

Universidade Nove de Julho - UNINOVE

São Paulo, SP – Brasil

profmarciafusaro@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe algumas reflexões sobre a importância do acesso à literatura como processo educador. Nessa perspectiva, aborda caminhos transdisciplinares, sobretudo com a ciência, proporcionados pelo fato de a literatura lidar fundamentalmente com o uso criativo da linguagem e, nesse sentido, possibilitar tessituras dialógicas com outras áreas do conhecimento. Como proposta argumentativa, menciona-se o exemplo da literatura como instrumento educativo sobre a ciência. Autores da literatura, da educação, da ciência e também da filosofia, como Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrosio, Clarice Lispector, Ernesto Sabato, Gilles Deleuze e Mary Shelley, entre outros, são citados como exemplos referenciais sobre o tema. A intenção é contribuir, de alguma maneira, para a conscientização, mais do que nunca urgente, de entendermos a importância do exercício da leitura literária na formação educacional contemporânea e futura.

Palavras-chave: educação e literatura; literatura e ciência; transdisciplinaridade.

Abstract: This paper proposes some reflections on the importance of accessing literature as an educational process. From this perspective, it addresses transdisciplinary paths, especially with science, provided by the fact that literature fundamentally deals with the creative use of language and, in this sense, enables dialogic structures with other areas of knowledge. As an argumentative proposal, the example of literature as an educational instrument about science is mentioned. Authors from literature, education, science and also philosophy, such as Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrosio, Clarice Lispector, Ernesto Sabato, Gilles Deleuze and Mary Shelley, among others, are cited as reference examples on the topic. The intention is to contribute, in some way, to raising awareness, more urgent than ever, of understanding the importance of exercising literary reading in contemporary and future educational training.

Keywords: education and literature; literature and science; transdisciplinarity.

Resumen: Este artículo propone algunas reflexiones sobre la importancia del acceso a la literatura como proceso educativo. Desde esta perspectiva, aborda caminos transdisciplinarios, especialmente con las ciencias, proporcionados por el hecho de que la literatura aborda fundamentalmente el uso creativo del lenguaje y, en ese sentido, posibilita estructuras dialógicas con otras áreas del conocimiento. Como propuesta argumentativa se menciona el ejemplo de la literatura como instrumento educativo sobre las ciencias. Se citan como ejemplos de referencia sobre el tema autores de la literatura, la educación, la ciencia y también la filosofía, como Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrosio, Clarice Lispector, Ernesto Sabato, Gilles Deleuze y Mary Shelley, entre otros. Se pretende contribuir, de alguna manera, a concienciar, más urgente que nunca, de comprender la importancia del ejercicio de la lectura literaria en la formación educativa contemporánea y futura.

Palabras clave: educación y literatura; literatura y ciencia; transdisciplinariedad.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

FUSARO, Márcia. Educação e literatura por veredas transdisciplinares. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 69, p. 1-13, e26625 abr./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n69.26625>



Ao levantar os olhos do livro, das linhas próximas,
e ao deixar de vê-las
para contemplar a noite perfeita:
oh! os sentimentos pressionados se dispersam quais estrelas,
como a fita de um maço
de flores desfeita.

Marco Lucchesi

Quando alguém está em uma leitura e levanta o olhar
como se estivesse a aprender com muito mais
intensidade o que acaba de ler, é o momento em que
esse alguém está totalmente envolvido, como se pensasse:
“Isto é meu, isto tem a ver comigo”. Tira-se da leitura
o que se necessita.

José Saramago

O que significa educar pela literatura?

Entre muitas respostas possíveis, significa cultivar simultaneamente, por meio do exercício profundo da linguagem, o pensar (*logos*), o sentir (*aesthesis*) e o criar (*poiesis*). A literatura exerce, para além dela mesma e por meio da geração de empatia que lhe é inerente, o poder de levar a conhecer, e tornar possível, a expressão da linguagem também em outras áreas do conhecimento. Espaços de transdisciplinaridade. Recorro à sabedoria do matemático Ubiratan D’Ambrosio, que já tratava sobre o tema na década de 1990, quando este conceito sequer era ainda devidamente focado como assunto relevante, em termos curriculares, na educação. A transdisciplinaridade, tecelã de fios entre áreas do conhecimento, ao que parece mesmo décadas depois, ainda continua sendo pouco entendida em termos conceituais e práticos no cotidiano escolar.

Eventualmente o tão desejado livre-arbítrio, próprio do ser (verbo) humano, poderá se manifestar num modelo de transculturalidade que permitirá a cada ser humano atingir a sua plenitude. A etapa em direção a esse novo estágio na evolução da nossa espécie é muitas vezes chamada multiculturalismo e vem se impondo nos sistemas educacionais de todo o mundo. [...] A transdisciplinaridade é transcultural na sua essência. Implica num reconhecimento de que o atual proliferação das disciplinas e especialidades acadêmicas e não-acadêmicas conduz a um crescimento incontestável de poder associado a detentores desses conhecimentos fragmentados. Esse poder contribui para agravar a crescente iniquidade entre indivíduos, comunidades, nações e países. Além disso, o conhecimento fragmentado dificilmente poderá dar a seus detentores a capacidade de reconhecer e enfrentar tanto problemas quanto situações novas que emergem em um mundo complexo. Acrescenta-se à sua complexidade natural aquela que resulta desse próprio conhecimento – transformado, através da tecnologia – em ação que incorpora novos fatos à realidade (D’Ambrosio, 1997, p. 34 e 80).

A literatura, fundamentalmente transcultural e transdisciplinar, lança mão das tessituras da linguagem em seus meios de criação. Conforme o dicionário Aurélio, “texto” vem do latim *textu*, que significa “tecido” (Ferreira, 1999, p.1956). Contar e ouvir histórias,

enquanto se educa, ou se é educado, faz toda a diferença na descoberta e no exercício da paixão pelo conhecimento. Nisso, a poética literária exerce papel fundamental de sedução em seu sentido mais profundo, existencial. Afinal, a poesia é expressão inerente ao humano em suas mais diferentes manifestações existenciais, conforme nos lembra o magnífico poeta Octavio Paz: “A poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia; mas sem prosa, sim. (...) É inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas” (Paz, 2012, p. 74-75).

Antônio Cândido, um dos mais renomados críticos literários brasileiros, advoga o direito à literatura por caminhos argumentativos aproximados àqueles de Octavio Paz.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

[...] Ora, se ninguém pode passar 24 horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Cândido, [1988] 2023, p. 189-190).

Educar pela literatura é, ainda, exercício de alteridade poética notoriamente libertador. Em outras palavras, é levar o outro à (auto)percepção de algo que já lhe pertence, mas que, muitas vezes, ele sequer sabe existir. Paulo Freire, patrono da educação brasileira, é um de nossos maiores referenciais desse exercício poético-educador. Não por acaso, sua escrita ensaística apresenta notáveis aproximações com a escrita literária.

No Brasil, houve alguns autores muito bons que me salvaram. Salvei-me através da leitura desses autores, quando tinha vinte e poucos anos. José Lins do Rego e Graciliano Ramos são dois desses autores. Jorge Amado, Gilberto Freyre, o grande sociólogo e antropólogo, que escreve muito bem, foi outra influência importante para mim. Mas esses autores não estavam preocupados em seguir a gramática! O que procuravam em suas obras era um momento estético. Eu os li muito. E dessa forma eles também me recriaram, como jovem professor de gramática, devido à criatividade estética de sua linguagem. Eu me lembro hoje, sem dúvida, como mudei o ensino da sintaxe quando tinha mais ou menos 20 anos.

A questão, naquela época, não era só negar as regras. Quando jovem, aprendi que a beleza e a criatividade não podiam viver escravas da devoção à correção gramatical. Essa compreensão me ensinou que a criatividade precisava da liberdade. Então, mudei minha pedagogia, como jovem professor, no sentido da educação criativa. Isto foi um fundamento, também, para que eu soubesse, depois, como a criatividade na pedagogia está relacionada com a criatividade na política. Uma pedagogia autoritária, ou um regime político autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender (Freire; Shor, 1986, p. 20).

Por lidar com elementos potentes do pensar, do sentir, do criar, basicamente libertadores, transgressores, insubmissos, é que educar por meio da literatura tem também provocado o medo, há milênios, tanto em lideranças, quanto em subserviências autoritárias e tiranas. Conforme nos lembra Deleuze (2002, p. 31), ao tratar sobre o tema das paixões em Spinoza, “o tirano precisa da tristeza das almas para triunfar, do mesmo modo que as almas tristes precisam de um tirano para se prover e propagar. De qualquer forma, o que os une é o ódio à vida, o ressentimento contra a vida”.

Diante de um contexto político mundial em que se assistimos, acautelados, o surgimento de vários focos da extrema direita mundo afora, nesta segunda década do século 21, não é de surpreender a recente censura a títulos literários em escolas não somente no Brasil, mas também no exterior. *O Avesso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti de 2021, e que trata sobre o racismo de forma sensivelmente literária, é um exemplo brasileiro recente. Aliado ao mesmo falso moralismo alimentador dos aspectos autoritários e tirânicos de uma extrema direita mundial que se autointitula “guardião da família e dos bons costumes”, quem diria que, em pleno século 21, veríamos não somente o premiado livro de Jeferson Tenório, no caso do Brasil, mas também a obra clássica do século 16, *Romeu e Julieta* (1597), de Shakespeare, ser proibida em escolas da Flórida, devido a seu “conteúdo sexual” (O Globo, 2023). Sem dúvida, a tirania continua a se incomodar, e muito, com o poder educador da literatura. Afinal, entre tantas outras possibilidades, a literatura representa o perigo da busca pela lucidez e pela liberdade existencial, evocadora que é das potências de vida que caminham a contrapelo das servidões voluntárias sempre à espreita dos espíritos mais fragilizados à subserviência.

O exercício da educação pela literatura se confunde com a vida. Infelizmente, porém, muitas vezes tem sido mais fácil testemunhar a potência educativa literária fora da educação do que no contexto escolar. Ainda que não haja como negar a influência que a escola pode ter nesse processo, quem, ou o que, constrói a potência de um viver literário é, muitas vezes, um salto no inesperado. Como o contexto dos contadores de histórias existentes em tantas culturas. Lembremos o exemplo das tias e da avó que alimentaram o imaginário da infância de Gabriel García Márquez e permaneceram literariamente em sua memória adulta de escritor.

Em primeiro lugar, minha avó. Contava-me os fatos mais atrozes sem se comover, como se fosse uma coisa que acabasse de ver. Descobri que essa maneira imperturbável e essa riqueza de imagens era o que mais contribuía para a verossimilhança de suas histórias. Usando o mesmo método de minha avó, escrevi *Cem Anos de Solidão*.

[...] Quando li aos dezessete anos *A metamorfose*, descobri que ia ser escritor. Ao ver que Gregor Samsa podia acordar uma manhã transformado num gigantesco escaravelho, disse para mim mesmo: “Eu não sabia que se podia fazer isso. Mas se é assim, escrever me interessa.”

[...] De repente compreendi que existiam na literatura outras possibilidades além das racionalistas e muito acadêmicas que tinha conhecido até então nos manuais do colégio. Era como se despojar de um cinto de castidade. Com o tempo descobri, não obstante, que não se pode inventar ou imaginar o que der na telha, porque se corre o risco de dizer mentiras e as mentiras são mais graves na literatura que na vida real. Dentro da maior arbitrariedade aparente, existem leis. A gente pode tirar a folha de parreira racionalista, sob a condição de não cair no caos, no irracionalismo total (Márquez, 2014, p. 44-45).

Outro exemplo singular de salto no inesperado foi o acesso tardio à literatura no enredo da vida de José Saramago: “Não tinha livros em casa (livros meus, comprados por mim, ainda que com dinheiro emprestado por um amigo, só os pude ter aos 19 anos), foram os livros escolares de Português, pelo seu carácter ‘antológico’, que me abriram as portas para a fruição literária: ainda hoje posso recitar poesias aprendidas naquela época distante” (Saramago, 2024, s/p).

Nisso tudo, há ainda a imagem simbólica da biblioteca que também não pode ser esquecida no contexto-cenário educativo. Desde uma labiríntico-babélica, como aquela imaginada por Jorge Luis Borges, até a nossa Biblioteca Nacional evocada por Marco Lucchesi, do Rio de Janeiro para o mundo, passando por todas as escolas que abrigam bibliotecas mundo afora. Algumas, infelizmente, inertes, outras plenamente ativas, cheias de vida leitora, inclusive no contexto do presente e futuro digitais.

O brilho intenso da Biblioteca decorre de seu precioso patrimônio imaterial. [...] A Biblioteca e o Paraíso se confundem ao reunir as páginas de tantos livros que se perdem no seio da História. Contra o esquecimento, uma poética da compaginação: dos livros passados, presentes e futuros.

E como adivinhá-los nos próximos cem anos – em paralelo com a metamorfose do leitor –, como dispensar-lhes uma reserva de espaço, com a necessária aeração do mundo físico e eletrônico, dos volumes e dos chips, que ainda não foram criados, nos armazéns da Biblioteca? (Lucchesi, 2016, p.157-158).

Sabe-se que este salto de uma educação devidamente alimentada pela literatura ainda não aconteceu, embora não tenham faltado tentativas ao longo da história. Mas continuamos em dívida quanto ao acesso mais pleno a esse diálogo tão potente, mas, ao mesmo tempo tão desafiador de ser alcançado. A começar pelo fato de, mesmo na área da educação, serem insuficientes aqueles que de fato vivem a leitura como necessidade primordial. O que se vê, em ampla medida, é a busca constante por entretenimento. Confunde-se formação com

entretenimento quando o assunto é leitura e literatura. Tal equívoco, infelizmente, não é incomum. Tanto por parte de quem educa, inadvertidamente abrindo mão de sua própria alfabetização dos sentidos, quanto de quem está sendo educado, sobretudo na atualidade, em um contexto inundado pela fugacidade ampliada pelo ambiente tecnológico de acesso a imensas bases de informação.

Não nos enganemos: aprender a acessar os meios de sensibilidade que a literatura proporciona não é um exercício de fácil percepção e empreendimento. Requer um investimento educativo (i)material que quase sempre não é levado devidamente a sério. E por inúmeras, complexas, razões. Mas poderia ser diferente. *Deveria* ser diferente. Antônio Cândido em seu clássico ensaio “O direito à literatura”, publicado, diga-se de passagem, no mesmo ano da promulgação da Constituição de 1988, nos lembra enfaticamente que o acesso à literatura se trata de um direito a ser considerado no mesmo patamar dos direitos humanos.

Literatura e ciência: algumas veredas educativas transdisciplinares

O escritor argentino Ernesto Sabato foi também um renomado doutor em Física, o que lhe permitiu trabalhar em importantes núcleos de pesquisa, incluindo o prestigioso Laboratório Curie, em Paris. A certa altura da vida, porém, Sabato decidiu deixar a carreira científica para se dedicar exclusivamente à literatura e às artes, tornando-se consagrado ensaísta e romancista. O que Sabato nos ensina sobre educação e literatura é primordialmente valioso. Por isso, vale a pena a longa citação:

O homem, sobretudo o jovem, apaixonava-se por tudo o que esteja vinculado às paixões e vicissitudes da espécie humana. [...] Quanta geografia e etnologia um adolescente pode aprender lendo *A volta ao mundo em 80 dias!* E, naturalmente, não apenas a geografia, mas a totalidade da cultura como aventura do homem, como fascinante aventura de seu pensamento, de sua imaginação, de sua vontade: da invenção da roda e do plano inclinado à filosofia, do invento do fogo à criação da linguagem, das danças primitivas à música de nosso tempo. Nada de enciclopedismo morto, nada de catálogos de nomes, datas de batalhas e nomes de montanhas, e sim a viva e comovente façanha do homem em sua luta contra as forças da natureza e as frustrações físicas e espirituais. Não informação, mas formação.

[...] Uma das clássicas respostas dos maus professores é que eles lamentavelmente não têm tempo para “desenvolver” seus programas. Os programas! Feitos todos, quase sempre, por ex-professores com a mesma mania enciclopedista. Mas, mesmo com esses calamitosos programas, um professor pode e deve dar o essencial, evitando os detalhes cansativos, inúteis e até contraproducentes. Haveria que ensinar a ler poucas e fundamentais obras literárias, verdadeiros marcos, que explorem a condição humana de maneira insuperável e constituem microcosmos a encerrar em suas páginas todo o cosmo humano. Não essa coisa de ler e, o que é pior, de obrigar a ler quantos livros foram escritos. É melhor que o professor consiga fascinar o espírito de seus educandos ensinando-os a ler – porque há que se ensinar a ler – umas tantas dessas obras máximas que nos falam de tudo o que um ser humano precisa saber acerca da vida e da morte, da covardia e da coragem, da desventura e da felicidade, da esperança e do desespero. O professor deveria decifrá-los para as crianças, de modo que descubram seus tesouros, gozem suas maravilhas e meditem sobre as reflexões neles presentes (Sabato, 2015, p. 136-137; 145-146).

A reflexão de Sabato anuncia algo que para muitos é um grande desafio, para outros, uma arte: tecer diálogos entre áreas do conhecimento. *Transdisciplinarizar*. Criemos o termo. E quanto mais distantes as áreas, mais fascinante o intento. O desafio, contudo, parece existir quando a questão é vista pelo viés contemporâneo, atravessado por um excesso de formações centradas em especializações separadoras do conhecimento. Mas nem sempre foi assim. Lembremos que no período clássico grego, por exemplo, promover interfaces entre áreas do conhecimento era a regra, não a exceção. Uma maneira de transpor essa aparente dificuldade contemporânea é recorrer à literatura como ponte de aproximação entre diferentes linguagens, como grandes escritores tantas vezes têm nos ensinado.

Ouçamos o exemplo de Clarice Lispector a compartilhar percepções intuitivas sofisticadas sobre ciência por meio de sua poética literária:

O sentimento de beleza é o nosso elo com o infinito. É o modo como podemos aderir a ele. Há momentos, embora raros, em que a existência do infinito é tão presente que temos uma sensação de vertigem. O infinito é um vir-a-ser. É sempre o presente, indivisível pelo tempo. Infinito é o tempo. Espaço e tempo são a mesma coisa. Que pena eu não entender de física e matemática para poder, nessa minha divagação gratuita, pensar melhor e ter o vocabulário adequado para a transmissão do que sinto (Lispector, 1999, p. 291-292).

A paixão poética pelos fenômenos levou Clarice a entrevistar o físico brasileiro Mário Schenberg. “Quem diria na minha infância que eu iria entrevistar um dos meus ídolos? E logo um de quem Einstein disse: só você é capaz de seguir os meus passos” (Lispector, 1999, p.

160). Assim começa sua entrevista com o físico Mário Schenberg, uma das mentes mais brilhantes da intelectualidade brasileira. A entrevista completa pode ser lida no livro *De Corpo Inteiro*. Clarice conduz a conversa bem ao seu estilo. Perguntas diretas. Profundas. Recebe, em troca, confessadamente, um mergulho ainda maior em seu encantamento pela presença intelectual de Schenberg. Presença esta que a inspirou a escrever uma introdução à entrevista perpassada por sua singular prosa poética:

A maioria de nós não alcança esses assuntos e fica na escuridão. O que eu alcancei e tento transmitir aos leitores foi a ideia de alguma coisa de uma extraordinária beleza. Algo assim como a música de câmara. Quando estudei no ginásio matemática e física, percebi que nesses dois ramos do conhecimento humano a intuição tinha um papel preponderante, embora a maioria das pessoas achasse que se trata apenas de uma capacidade aguda de raciocínio. É claro, o raciocínio tem enorme importância, mas também é claro que a intuição tem seu papel na física e na matemática. E, para mim, tudo aquilo em que entra intuição é uma forma de arte. Física e matemática são de um poético tão alto que já é banhado de luz (Lispector, 1999, p. 160-161).

Mário Schenberg foi notável intelectual da ciência, das artes e da política bem pensante. Como Clarice Lispector, também era filho de judeus russos e, assim como ela, passou a infância no Recife, antes de se mudar para o Rio de Janeiro. Coursou a Escola de Engenharia de Pernambuco e somente anos depois se transferiu para a Escola Politécnica de São Paulo (Poli), onde se formou em Engenharia Elétrica. Foi perseguido politicamente em vários momentos de sua carreira, sobretudo, durante o período mais repressivo da ditadura militar pós-1964. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), acabou cassado, preso e aposentado compulsoriamente pelo AI-5. Para um intelectual do porte de Schenberg, referência no campo da astrofísica estelar e apontado por Einstein como um dos dez cientistas mais importantes de sua época, imaginemos como deve ter sido difícil, em muitos sentidos, não poder mais frequentar o ambiente formal da pesquisa acadêmica. Mesmo desiludido, sobretudo com a falta de apoio de colegas da academia, ainda assim nunca deixou de se dedicar aos seus estudos de teor transdisciplinar, como convinha ao seu brilhante perfil de polímata.

Continuou se dedicando a pensar as artes em diálogo com as ciências, produzindo ensaios notórios. A paixão pelas artes, cultivada desde a infância, o levou a se tornar também um respeitado crítico de arte. Foi membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte. Em seus alcances sobre o pensar-fazer estético, fez destacáveis amizades. Os poetas e semioticistas Haroldo de Campos e Décio Pignatari eram parte do círculo de intelectuais que frequentava sua casa. Oswald de Andrade, Jorge Amado, Sérgio Milliet, Vinícius de Moraes, Ferreira Gullar, Jorge Mautner, José Agripino de

Paula, Hilda Hilst e Mario Chamie são nomes que o próprio Schenberg registra em uma carta enviada a Clarice Lispector, após o lançamento do livro de entrevistas *De Corpo Inteiro*. Clarice finaliza a entrevista com as seguintes palavras: “Observei-o com emoção: eu estava diante de um grande homem” (Lispector, 1999, p. 164).

Educação pelas veredas da ficção científica de Mary Shelley

Recorrendo às reflexões de Ernesto Sabato quanto à importância de se estudar ciência por meio da literatura, não se pode deixar de mencionar o pioneirismo da escritora inglesa Mary Shelley. Sua obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* é considerada a primeira obra de ficção científica da literatura. Lançado em 1818, com o passar dos anos o livro se tornou um clássico literário mais conhecido somente como *Frankenstein*. Mais de 200 anos após seu lançamento, nunca deixou de atrair novos jovens leitores, curiosos ou apaixonados pelo contexto fantasmagórico próprio dos romances góticos do século 19. Em termos mais recentes, também compõem a sedutora esfera de atualidade da obra várias reivindicações acerca do pioneirismo de Mary Shelley como fundadora do gênero literário da ficção científica, trazendo à baila não somente debates atualizados sobre feminismo, como também possibilidades de reflexões mais profundas sobre interfaces entre ciências, literatura e artes, passíveis de abordagens educadoras em sala de aula.

Certas curiosidades tornam a leitura de *Frankenstein* ainda mais fascinante. A começar pelo fato de o livro haver sido escrito por uma mulher, para espanto (ainda) de muitos. Mary Shelley foi uma intelectual brilhante. Indócil desafiadora dos conservadorismos de seu tempo. Não à toa. Sua mãe foi a filósofa feminista Mary Wollstonecraft, autora da famosa obra *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher* (1792). Morreu tragicamente, por consequência de uma infecção, onze dias após dar-lhe à luz. Seu pai foi o filósofo progressista William Godwin, pioneiro defensor do anarquismo. Inicialmente Mary Wollstonecraft Godwin, a autora herdou seu sobrenome posterior do poeta Percy Shelley, com quem se casou após anos de um relacionamento conturbado, mas persistente. O filme *Mary Shelley*, de 2018, é também um excelente meio para estudos complementares à leitura do livro. Traça um belo retrato biográfico da autora e de seu relacionamento dramático, mas intensamente amoroso e literário, com Shelley, durante o contexto de criação do livro *Frankenstein*.

Shelley foi discípulo intelectual do pai de Mary. Também foi ele quem a apresentou ao amigo Lord Byron, um dos maiores poetas do romantismo inglês, assim como o próprio Shelley passaria a ser considerado. O que vale a pena pontuar nessa história toda é que,

recentemente, o olhar da crítica tem cada vez mais se dado conta de que Mary Shelley foi uma autora brilhante. Escreveu *Frankenstein* com apenas 19 anos, não “porque estivesse ao lado de homens brilhantes”, como era comum se considerar o contexto de criação de sua obra até pouco tempo atrás, mas, em termos mais atualizados, porque somou-se a eles, ou até mesmo os superou, ao criar o gênero literário da ficção científica. Aliás, Godwin, Shelley e Byron, cada um a seu modo e a seu tempo, reconheceram isso e se renderam ao talento intelectual e literário de Mary Shelley.

Outra curiosidade fascinante é a atmosfera em que a obra foi escrita. Mary Shelley e sua irmã Claire, grávida de uma criança de Byron, além de Shelley, Byron e seu médico, John Polidori, reuniram-se em uma temporada de férias na Suíça, onde alugaram casas próximas ao Lago de Genebra. Passavam a maior parte do tempo escrevendo, passeando de barco e conversando sobre temas ligados à Literatura, Artes e Ciências, entre outros. Descobertas científicas sobre eletricidade e galvanismo andavam em alta naquele período. Temas que interessavam, particularmente, ao poeta Shelley, que vinha estudando-os havia algum tempo e trocando ideias com Mary e amigos intelectuais. Daí esses temas servirem de suporte ao enredo de *Frankenstein*. Durante um período de tempestades que assolou a região ao longo de vários dias, impedindo-os de sair, Byron propôs uma competição em que cada um escrevesse uma história de terror para afastar o tédio. Ao acordar de um pesadelo em uma das noites de tempestade, Mary teve o lampejo sobre o enredo de *Frankenstein*.

Outra curiosidade: Victor Frankenstein é, na verdade, o nome do cientista que dá vida ao monstro. Com o passar do tempo, criador e criatura foram como que se fundindo simbolicamente no imaginário do público. Não deixa de ser curioso, se considerarmos que ambos buscavam, cada um a seu modo, conectar-se à vida e ao seu sentido. Ao longo da narrativa, Mary Shelley se refere ao ser ressuscitado principalmente como “monstro” e “criatura”. Vida e morte são dois temas fundamentais no enredo, mas a vida ganha protagonismo como elemento de reflexão filosófico-científica por meio da literatura. Um dos grandes méritos da obra *Frankenstein*: questionar a ética científica relacionada ao poder de gerar ou eliminar vida. E diante da bem-sucedida geração de vida, no caso do monstro, como lhe proporcionar condições dignas, ou não, de existência.

Preconceito. Desejo de domínio sobre a natureza. Amizade. Amor. Julgamento pela aparência, em vez da essência. Estes e inúmeros outros temas profundos perpassam o enredo e se mostram incrivelmente pertinentes, em termos transdisciplinares, ao contexto da sala de aula. A erudição de Mary Shelley se apresenta, de saída, no subtítulo (*o Prometeu Moderno*) e na primeira epígrafe do livro:

Roguei a vós, ó Criador, que do meu barro
Moldásseis um homem? Pedi a vós
Que das trevas viésseis alçar-me...? (Shelley, 2015, p.64).

Na mitologia grega, Prometeu é um titã que rouba o segredo do fogo (metáfora para o conhecimento), reservado somente aos deuses, e o entrega à humanidade. Seu ato é, então, severamente punido por Zeus. A epígrafe que abre a narrativa, cujo enredo é apresentado na forma epistolar, é um fragmento sobre a queda de Lúcifer do poema épico do século 17, *O Paraíso Perdido*, do poeta inglês John Milton. Evidentes alusões ao enredo de *Frankenstein*.

Nada mal para uma jovem de 19 anos cercada pelos valores conservadores do século 19, na Inglaterra sob o reinado da rainha Vitória. Mesmo com tanto brilhantismo, ainda assim Mary Shelley preferiu não assinar a primeira edição. Teve receio de que o livro não fosse aceito, caso descobrissem que havia sido escrito por uma mulher. A primeira edição apresentou somente um prefácio assinado por Shelley, e uma dedicatória a William Godwin, seu pai. O sucesso junto ao público, porém, foi imediato, levando a segunda edição a apresentar seu nome como autora. A terceira edição foi aquela que ficou mais conhecida e a que lemos até hoje, onde a autora, já reconhecida, acrescenta um prefácio escrito por ela mesma, relatando o contexto de criação da obra. Que o talento de Mary Shelley seja devidamente reconhecido e prestigiado em nossos dias. Sobretudo, no contexto educacional ávido por abordagens transdisciplinares.

Derradeiras veredas, não definitivas

Conforme se viu ao longo de alguns exemplos de teor transdisciplinar, à luz de diferentes autores em diversas áreas, a literatura como acesso ao conhecimento, por meio de seu uso singular da linguagem, pode proporcionar caminhos profundamente instigantes à prática educacional. Nesses caminhos, veredas de encontros com a ciência podem seduzir diferentes faixas etárias ao conhecimento, e exercitar aspectos fundamentais relacionados à linguagem e à cidadania.

A necessidade atual do reconhecimento da importância da literatura para a educação se justifica, sobretudo, pela necessidade urgente de se reivindicar o acesso à literatura como um direito fundamentalmente humano ao imaginário criativo, ao pensamento e à atitude emancipadora, para lembrar Paulo Freire, Antônio Cândido e tantos outros. Literatura como meio para se educar ao sensível, exercitando caminhos para identificar, compreender e, eventualmente, reproduzir diferentes manifestações de linguagem também pelo uso criativo da escrita.

Além de viabilizar uma melhor compreensão textual a outras áreas do conhecimento, a literatura também nos educa quanto às artimanhas da linguagem, como, por exemplo, aquelas que têm levado pessoas a se tornarem vítimas de *fake news*, pela ausência de uma aprendizagem mais elaborada e profunda sobre a leitura que o exercício da leitura literária é capaz de oferecer e exercitar. Quanto mais literatura se acessa, mais repertório de linguagem se adquire e mais se ampliam as possibilidades de mundo possíveis, sejam eles imaginários ou reais. Sem dúvida, e sem nenhuma intenção romantizadora em tal afirmação, é possível dizer que a literatura continua a ser um meio educador fundamentalmente afirmador de UMA VIDA. Assim mesmo, em caixa alta, conforme escreveu Deleuze ([1995], 2016) em seu derradeiro ensaio “A imanência: uma vida”, referindo-se à vida como imanente potência criadora.

Referências

- CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*. São Paulo: editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- LISPECTOR, Clarice. *De Corpo Inteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LUCCHESI, Marco. *Domínios da insônia*. São Paulo: Patuá, 2019.
- LUCCHESI, Marco. *Carteiro Imaterial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cheiro de goiaba*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- PIERRO, Bruno de. Entre estrelas, políticos e artistas. *Revista Pesquisa FAPESP*. Ed. 307, set. 2021.
- O GLOBO. 'Romeu e Julieta' é banido de escolas na Flórida por conteúdo sexual. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/08/09/romeu-e-julieta-e-banido-de-escolas-na-florida-por-conteudo-sexual.ghtml> 09/08/2023. Acesso em 01/05/2024.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: CosacNaify, 2012.

PIERRO, Bruno de. Entre estrelas, políticos e artistas. *Revista Pesquisa FAPESP*. Ed. 307., set. 2021.

SABATO, Ernesto. *Entre o sangue e as letras*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2015.

SARAMAGO, José. Autobiografia. Fundação José Saramago. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/biografia/20> Acesso em 23/04/2024.

SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHENBERG, Mário. Carta a Clarice Lispector (16-05-1977). Acervo Mário Schenberg (USP). Disponível em <http://acervo.if.usp.br/index.php/carta-de-mario-schenberg-a-clarice-lispector> Acesso em: 02/05/2024.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Companhia das Letras, [1597] 2016.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. São Paulo: Penguin Classics-Companhia das Letras, 2015.

TENÓRIO, Jeferson. *O Averso da Pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.